

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018. 144 p.

Janaina Ferreira Fernandes¹

Recebido em: 15/02/2021

Aceito em: 12/03/2021

A obra *A liberdade é uma luta constante* é uma coletânea de entrevistas e palestras proferidas por Angela Davis entre 2013 e 2014, em Bruxelas, Paris, Londres, Birkbeck, St. Louis, Chicago e Istambul. Apesar da diversidade das temáticas - que vão desde racismo, passando por lutas feministas e pelo sistema industrial prisional, até a questão da Palestina -, os discursos se aliam a partir de uma perspectiva interseccional, que caracteriza o pensamento da autora desde seu clássico “Mulheres, raça e classe” (DAVIS, 2016), publicado originalmente em 1981. A abordagem não se limita a tratar apenas sobre feminismo interseccional ou da questão racial nos Estados Unidos, mas de lutas progressistas que devem ter, em seu âmbito, interconexões com outras lutas progressistas.

Sendo assim, ao realizar a resenha do livro, ficou clara a imperiosidade não de tratar os conteúdos capítulo a capítulo, e sim de tentar sistematizar as conexões realizadas pela autora durante as intervenções que foram registradas na obra, tratando seus discursos enquanto um pensamento a um só tempo sistematizado e aberto a reflexões em outros contextos que não aqueles diretamente citados pela autora.

Há certas insistências ao longo do livro: a interseccional-
1. Professora do Instituto Federal de Goiás, Campus Formosa; Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília. Email: janaina.fernandes@ifg.edu.br

idade e o anti-individualismo das lutas libertárias. Assim, para a leitora, fica evidente que a coletividade é o ponto central para a busca da liberdade a que se refere o título. Para Davis, esta é uma concepção que deve ser, necessariamente, desvinculada de sua raiz ocidental, qual seja, a liberdade humanista-renascentista, e, menos ainda, a do liberalismo. Em verdade, os textos estão impregnados de uma forte crítica ao Estado e, por encadeamento histórico, ao colonialismo, ao individualismo, à violência e, principalmente, ao capitalismo.

Pela característica do livro - um conjunto de discursos proferidos ao longo de dois anos - algumas ideias essenciais não são sistematizadas explicitamente. Ao contrário, é justamente na análise da obra como um todo que o entendimento acerca do que Davis está chamando de liberdade vai se delineando para a leitora. É possível que grande parte desse entendimento possa ser pensado a partir da apresentação dos dez pontos do Partido Panteras Negras, referenciados no capítulo 5. De maneira sintética: 1) liberdade; 2) pleno emprego; 3) fim da usurpação, pelos capitalistas, das comunidades negras e oprimidas; 4) moradias; 5) educação que ensine a história real; 6) assistência à saúde; 7) fim da brutalidade policial e do assassinato de negros e oprimidos; 8) fim das guerras de agressão; 9) liberdade para encarcerados; 10) terra, pão, moradia, educação, vestimenta, justiça, paz e controle da tecnologia moderna.

Interessante notar que a pauta do Partido Panteras Negras é, no fundo, a recapitulação das pautas abolicionistas do século XIX. Assim, a contextualização histórica a respeito da violência estatal, desde seu ato fundante - o ataque genocida aos povos indígenas - demonstra em que medida, para Davis, o racismo permeia as discussões sobre as lutas pela liberdade, bem como a centralidade do colonialismo.

A autora interpreta os ataques genocidas desde a ocupação das Américas e a escravização de povos africanos como sistematizações do modelo estatal e capitalista de gerência da violência. Entende, portanto, que as lutas progressistas a que hoje se debruça fazem referência a - ou possuem linhas de continuidade com - lutas emancipatórias do século XIX. Entende, portanto, que toda a pauta das lutas pelos direitos civis dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, embora relevantes para a conquista de determinados espaços, não foram lutas plenamente libertárias, já que não atingiram esferas da vida social essenciais para se pensar a liberdade enquanto termo amplo, ou que atinja as potencialidades da vivência coletiva.

Isso porque, para além da interseccionalidade de lutas - a busca por justiça para todos os grupos sociais historicamente oprimidos -, a busca pela liberdade envolve também espaços que até pouco tempo atrás não eram vistos como pontos de tensão a serem debatidos politicamente, como, por exemplo, o das relações interpessoais, já que “a violência nos relacionamentos afetivos íntimos não está dissociada da violência do Estado” (DAVIS, 2018, p. 130). Aliando-se à ideia de que o pessoal é político - entendimento derivado das discussões feministas nos anos 1970 e 1980 -, Davis explora a dimensão revolucionária - e não meramente reformista - das pautas libertárias, algo muito próximo ao que outras feministas já vêm construindo como, por exemplo, o feminismo visionário, de bell hooks¹ (2020).

É com base nessa perspectiva que a autora é capaz de tecer os nós entre as lutas contra o sistema industrial prisional - seu ponto de partida é categoricamente abolicionista -, apontando-o enquanto fruto de sociedades marcadamente racistas e violentas, além de perceber como o armamentismo estatal está diretamente vinculado aos problemas enfrentados pela população palestina por

meio de organizações como a G4S, responsável não só pela militarização israelense, bem como pelo sistema industrial prisional e por algumas instituições escolares estadunidenses, além da própria opressão de gênero. A reflexão sobre como se operam as vigilâncias e as criminalizações de determinados espaços - especialmente aqueles ocupados por populações ou grupos minoritários - é realizada constantemente por Davis ao longo de sua obra, de modo a operar uma análise interconectada de lutas que muitas vezes são tidas como distintas.

Tendo em vista as conexões e as interseccionalidades de lutas em que Davis se baseia, a autora pontua a necessidade de engajamento nas lutas para além das identidades. “Temos de nos livrar do pensamento identitário estreito se quisermos encorajar as pessoas progressistas a abraçar tais lutas como se fossem delas próprias” (DAVIS, 2018, p. 40). Afinal, nenhuma liberdade de qualquer grupo minoritário pode estar dissociada da liberdade de outros grupos. Para isso, cita a fala de Martin Luther King: “A justiça é indivisível. A injustiça em qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo” (DAVIS, 2018, p. 117).

Entende-se ser o individualismo a base dos processos nocivos que assolam diversos povos e grupos contemporaneamente, como racismo, sexismo, capitalismo, fascismo, etc. Sua proposta, então, parte de uma metodologia feminista - nos termos de Davis - uma vez que se ampara justamente na percepção das conexões entre lutas. Aliás, a própria abordagem interseccional é considerada pela autora como uma metodologia, pensando na concomitância em que se devem pensar questões que aparecem como desconexas.

É no capítulo 8 que Davis falará mais detidamente sobre feminismo e o conceito de gênero, demonstrando um certo grau de compromisso com as chamadas teorias queer. A discussão de gênero, por exemplo, parece-lhe interessante na medida em que

é capaz de repensar conceitos como o de mulher. Davis encara, por exemplo, a análise das lutas das mulheres trans no sistema prisional como uma possibilidade de radicalização profícua de concepções, tomando por base “um tipo de feminismo que nos encoraja a ser flexíveis, que nos alerta a não nos apegarmos demais a nossos objetos, sejam eles objetos de estudo (...), sejam eles objetos de nossa mobilização” (DAVIS, 2018, p. 96 - 97).

Assim, as mobilizações e as lutas políticas a favor da liberdade são vistas por Davis do mesmo modo como a autora interpreta a luta feminista: não é sobre gênero em si, mas sobre a consciência em relação ao capitalismo. Assim, do mesmo modo, as pautas identitárias não podem ser encaradas apenas como pautas identitárias, mas, acima de tudo, como questões concernentes à violência estatal, ao racismo e ao capitalismo. São, antes, questões historicamente alimentadas pelos artefatos do colonialismo e, portanto, intrinsecamente imbricadas. Assim, colocar em questão racismo, sexismo, transfobia, lgbtphobia, criminalização de grupos minoritários, desigualdade social ou violência policial, passa necessariamente pela discussão de como essas problemáticas permeiam as práticas estatais que são, por sua vez, permeadas pelo capitalismo.

As propostas de lutas expressas por Davis pressupõem uma luta de base ou, ainda, a mobilização de debates públicos de longo alcance, que extravasem limites identitários ou pautas específicas, porque, no fundo, implicam uma revolução cosmológica, ontológica e epistemológica. Pressupõe, necessariamente, a quebra do capitalismo e de suas ideologias consequentes: o individualismo e o cristianismo enquanto sistemas institucional religiosos. Afinal, as lutas faladas no livro guardam continuidades estruturais tendo como ponto nevrálgico a escravização de povos africanos nas Américas.

O otimismo que se pode encontrar na obra está justamente no engajamento coletivo contra formas fascistas de interferência na liberdade. O Estado, detentor da violência intrínseca a essas interferências, bem como suas consequências históricas, como o individualismo, precisam ruir. E, para isso, não bastam reformas; são necessárias revoluções. Em outras palavras, a possibilidade de construção de um novo futuro passa, necessariamente, pela resistência coletiva ao racismo, ao genocídio e ao colonialismo de ocupação.

Trata-se, por fim, de uma obra essencial para se compreender não só os caminhos percorridos pelo feminismo no início do século XXI, mas principalmente um modo de se desenvolver debates de longo alcance para a construção de um projeto de futuro que teça ligações entre lutas políticas antirracistas, contra-hegemônicas, anticapitalistas e, principalmente, que nos forneçam possibilidades de pensar mundos possíveis.

Nota:

1. A grafia do nome da autora em letra minúscula respeita a decisão de bell hooks, amplamente divulgada, para destacar o conteúdo de sua obra, e não sua pessoa.

Referências:

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.